



*Anote
sou árabe
e o número de minha
identidade é cinquenta mil
meus filhos são oito
o nono chega findo o verão
Você tem raiva?*

*Anote
sou árabe
trabalho e divido o esforço
com amigos numa pedreira
meus filhos são oito
para eles tiro o pão*

*Meu pai é da família do arado
não da alta senhoria
meu avô foi agricultor
sem registro e sem linhagem
me ensinava a ler o sol
nascer antes de ler os livros*

MAHMOUD DARWISH

o poeta da Palestina

Abdullah Omar (org.)

MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

O Monitor do Oriente Médio é um instituto de pesquisa política sem fins lucrativos que fornece informações e análises abrangentes sobre política internacional. Sua produção é disponibilizada para uso de jornalistas, acadêmicos e políticos com interesse nas regiões do Norte da África e Oriente Médio — com destaque para a questão palestina. O portal em português também inclui informações e análises sobre América Latina.

O objetivo do MEMO é influenciar políticas e pautas públicas a partir da perspectiva da justiça social, dos direitos humanos e da lei internacional. Isso é fundamental para obter igualdade, segurança e justiça.

O MEMO gostaria de ver um Oriente Médio definido por princípios de igualdade e justiça, ao promover a restauração dos direitos palestinos, incluindo o direito de retorno e um Estado palestino democrático com Jerusalém como sua capital. O MEMO defende também um Oriente Médio livre de armas nucleares.

Ao assegurar que formuladores de políticas sejam melhor informados, por meio de uma cobertura de mídia justa e embasada, o MEMO busca promover um maior impacto nos atores responsáveis por decisões-chave que afetam políticas regionais e internacionais.



Título: Mahmoud Darwish, o poeta da Palestina

Publicado em agosto de 2022.

Esta publicação preserva os direitos de copyright dos autores. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, transmitida ou distribuída, por qualquer forma ou meio, sem expressa autorização prévia dos detentores dos direitos autorais.

Monitor do Oriente Médio
Avenida Conselheiro Carrão, 1077
Sala 706, Vila Carrão São Paulo
Estado de São Paulo, Brasil
+55 (11) 2093-0599
www.monitordooriente.com

MAHMOUD DARWISH o poeta da Palestina

Abdullah Omar (org.)

Jornalista e crítico nascido em Ramallah, especializado em Gestão Esportiva pela FIFA/CIES. Diretor do Fórum Latino-Palestino e colaborador do MEMO, escreve em inglês, árabe e português.



Este documento reúne memórias e passagens da vida de Mahmoud Darwish apresentadas pela © Fundação Mahmoud Darwish¹ e trechos de poemas traduzidos do árabe por Michel Sleiman².

1 <http://mahmouddarwish.ps/en/article/80000160/Mahmoud-Darwish>

2 Michel Sleiman é poeta, tradutor e coordenador do GTPAC – Grupo de Tradução da Poesia Árabe Contemporânea.

Mahmoud Darwish é um dos mais proeminentes e importantes poetas palestinos e árabes, e contribuiu muito para o desenvolvimento e progresso da poesia árabe. Seus poemas se juntaram à causa palestina até que alguns o chamaram de poeta da ferida palestina. Ele tem mais de 30 coleções de poesia e prosa, além de oito livros. Sua poesia foi traduzida para vários idiomas e suas coleções em árabe venderam mais de um milhão de cópias.

Mahmoud Darwish é profundo em suas palavras, significados e conotações de sua poesia. É o filósofo dos poetas e o poeta dos filósofos, empregando mitos e personalidades históricas e aberto a questões existenciais que afetam a humanidade, de uma forma que abre a poesia árabe a novos e múltiplos mundos, algo que os críticos podem ler na interpretação e desconstrução de cada símbolo em suas dimensões estética, histórica e filosófica.

Em sua poesia, Darwish mistura a defesa da causa palestina, a luta pela libertação nacional, a defesa da humanidade e o tratamento de suas questões ontológicas, como morte, destino, identidade, liberdade, amor e paz, entre outras. Portanto, não é de surpreender que ele seja considerado o mais importante na poesia árabe e na criatividade em defesa da causa palestina. Humano em toda a sua poesia, árabe em todas as suas palavras, Darwish em vida acreditava na justiça para seu povo, mas não caiu na estreiteza da intolerância e do tribalismo que muitos defensores da Palestina ou causas semelhantes no mundo caíram.

Por isso, Darwish é considerado um dos maiores inimigos dos políticos do “sionismo”. Não há guerra mais feroz do que a guerra de ideias. Você pode derrotar um povo por meio de guerra física e armas, mas não poderá derrotar um povo imbuído dos valores de libertação, liberdade e defesa da sua terra diante de um usurpador que não tem legitimidade nem o respeito internacional. Um inimigo que constrói a pátria sobre os cadáveres de crianças e mulheres, e se gaba de seu heroísmo ilusório diante de um

povo indefeso descobriu que a determinação do povo palestino é maior e mais importante do que as armas transportadas por mãos trêmulas, por mais modernas e letais que sejam.

Mahmoud Darwish amava e adorava a Palestina. Sua obra era a poesia da revolução, e um conto de amor por uma pátria que não se enfraqueceu pela adversidade, ele aprisionou em seus olhos as lágrimas de felicidade para chorar a alegria da libertação. Quem lê sua poesia sente um estado de pureza nacional e apego à terra da Palestina, que se transformou em uma melodia tocada pelo poeta com notas de tristeza e esperança, através das quais ele resiste a todas as situações de dor e derrota.

Abdullah Omar

Mahmud Darwish representa a voz dos palestinos traídos, identificados em sua poesia com a saga do José bíblico-corânico traído por seus muitos irmãos. Com isso, sua voz se abre em vórtice, rumo ao futuro e a cavalo do passado, protagonizando os dramas da vida nas terras da Palestina, sendo reconhecida como voz legítima da terra que o poeta anunciou, livro após livro, ao longo de sua agitada vida de homem engajado, e crítico, na Causa Palestina. Seus poemas arrebatam multidões em assembleias e datas festivas, movidos pela leitura e as canções que trazem, para perto do coração, o amor, o sonho e a coragem que no poeta são indissociáveis. E assim a poesia de Darwish se atualiza. Alguns de seus versos eclodem fáceis na mente, outros a forçam ao “limiar do cansaço”, como é para ele o amor numa de suas definições mais inspiradas para esse grande motor da vida. Essa é a nota que clareia o fundo de sua poesia, lírica no osso e no nervo e, por isso mesmo, imorredoura na linguagem que nos particulariza como espécie.

Michel Sleiman

Nascimento e infância

Ele nasceu em 13 de março de 1941, na aldeia palestina de al-Birwa, que fica na Galiléia, a leste da costa do Acre. Foi expulso de lá com sua família aos seis anos, sob o impacto de bombas em 1947, e finalmente se viu com dezenas de milhares de refugiados palestinos no sul do Líbano, depois que os palestinos foram desenraizados e suas cidades e aldeias destruídas. Ele retornou à sua aldeia em 1949 após os acordos de armistício para encontrá-la em ruínas, com uma aldeia agrícola israelense construída sobre ela. Ele morou com sua família na nova aldeia, completando sua educação primária na escola Deir al-Assad, e a educação secundária na vila de Kfar Yasif.

Mahmoud Darwish diz sobre seu nascimento e criação:

A primeira aldeia libanesa de que me lembro naquela época era Rmeish. Depois vivíamos em Jezzine até a neve cair no inverno. Em Jezzine, vi pela primeira vez na vida uma grande cachoeira... Depois nos mudamos para Naameh, perto de Damour. Lembro-me bem de Damour nesse período: o mar e os campos de banana. Eu tinha seis anos, mas minha memória é forte e meus olhos ainda lembram daquelas cenas. Estávamos esperando o fim da guerra para voltar às nossas aldeias. Mas meu avô e meu pai sabiam que o assunto estava encerrado, então voltamos às escondidas com um guia palestino que conhece as rotas secretas para o norte da Galiléia. Ficamos com amigos até descobirmos que nossa aldeia de Al-Birwa não existia mais.

A família Darwish encontrou sua aldeia destruída e uma aldeia agrícola israelense estabelecida em suas terras. O retorno ao local de nascimento não foi possível.

Vivíamos como refugiados em outra aldeia chamada Deir al-Assad, no norte. Fomos chamados de refugiados e tivemos muita difi-

culdade em obter os cartões de residência, pois entramos “ilegalmente”. Quando foi feito o cadastramento da população, estávamos ausentes. Nosso adjetivo na lei israelense era: “presente-ausente”, significando que estamos fisicamente presentes, mas sem papéis. Nossas terras foram confiscadas e vivíamos como refugiados.

Mahmoud viveu em Haifa depois que a família se mudou para outra aldeia chamada Jadeidi e possuía uma casa lá.

Em Haifa morei dez anos e terminei o ensino médio, depois trabalhei como editor no jornal “Al Ittihad” e fui proibido de sair de Haifa por dez anos. Minha residência em Haifa foi em prisão domiciliar, depois recuperamos nossa identidade, primeiro uma vermelha e depois uma azul, e foi como um cartão de residência durante os dez anos.

Como fui proibido de sair de Haifa, de 1967 a 1970 fui proibido de sair de casa, e a polícia tinha o direito de vir à noite para verificar minha presença. Eu era preso todos os anos e sem julgamento. Então eu tive que sair.

Ele se juntou ao Partido Comunista de Israel e trabalhou na imprensa do partido, como Al-Ittihad e Al-Jadeed, do qual mais tarde se tornou seu editor-chefe e foi acusado de atividade hostil ao Estado de Israel; Ele foi preso cinco vezes em 1961, 1965, 1966, 1967 e 1969. Prisões domiciliares foram impostas a ele até 1970.

Mahmoud tinha uma opinião não convencional sobre sua biografia.

Primeiro, o que significa para os leitores em minha biografia está escrito em poemas. Há um ditado que diz que todo poema lírico é um poema autobiográfico, segundo o qual existe uma teoria que diz que o leitor não precisa conhecer a biografia do poeta para compreendê-lo e se comunicar com ele. Em segundo lugar, devo sentir que há algo

em minha biografia que é útil, ou que traz benefícios. Não vou esconder de você que minha biografia é muito comum. Nem pensei em escrever minha autobiografia. Não gosto de reclamar excessivamente sobre a vida pessoal e seus problemas. Portanto, não quero me gabar de mim mesmo, porque a biografia às vezes leva a pessoa a se gabar de si mesmo, e o escritor se retrata como se fosse uma pessoa diferente. Escrevi características de minha biografia em livros em prosa como “Journal of an Ordinary Grief” ou “Memory for Forgetfulness”, especialmente sobre minha infância e a Nakba.

A família Darwish encontrou sua aldeia destruída e uma aldeia agrícola

لاعب النرد

مَنْ أَنَا لأقول لكم
 ما أقول لكم؟
 وأنا لم أكن حجراً صقلتُه المياهُ
 فأصبح وجهاً
 ولا قصباً ثقتُه الرياحُ
 ... فأصبح نايّاً

أنا لاعب النرد
 أربح حيناً وأخسر حيناً
 أنا مثلكم
 ... أو أقل قليلاً
 وُلدت إلى جانب البئر
 والشجرات الثلاث الوحيدات كالراهبان
 وُلدت بلا زفة وبلا قابلة
 وسميت باسمي مُصادفةً
 وانتُميت إلى عائلة
 مُصادفةً

Quem sou eu para lhes dizer
 o que lhes digo
 se não sou pedra que a água poliu
 até ser rosto
 nem caniço que o vento perfurou
 até ser flauta?

Jogo os dados.
 Ganho às vezes e às vezes perco.
 Sou como vocês
 ou um pouco menos...
 Nasci ao lado do poço
 e das três árvores solitárias como monjas.
 Nasci, sem ter festejos, nem parteira.
 Me deram este nome por acaso.
 Pertencço a uma família
 por acaso.

Trecho da poesia “O jogador de dados”

Fase Moscou (1970)

Mahmoud Darwish foi estudar na União Soviética em 1970. Sobre esse período, ele disse:

Minha primeira viagem fora da Palestina foi para Moscou. Eu era estudante do Instituto de Ciências Sociais, mas não havia um lar de verdade para mim, era um quarto em um prédio da universidade, fiquei em Moscou por um ano. Moscou foi meu primeiro encontro com o mundo exterior, tentei viajar para Paris antes, mas as autoridades francesas me recusaram a entrada em suas terras em 1968. Eu tinha um documento israelense, mas minha nacionalidade não estava especificada nele. A segurança francesa não era obrigada a compre-

ender as complexidades da questão palestina. Como posso ter um documento israelense e minha nacionalidade não está especificada nele, e digo a ele insistentemente que sou palestino. Eles me mantiveram por horas no aeroporto e depois me levaram de volta para minha terra natal ocupada.

Moscou foi a primeira cidade europeia e a primeira cidade grande em que morei. Claro, descobri seus grandes marcos, seu rio, seus museus e seus teatros. Imagine a reação de um jovem estudante se mudando de uma residência sitiada para uma grande metrópole! Aprendi um pouco de russo para administrar meus próprios negócios. Mas meu encontro diário com os problemas dos russos fez com que a ideia do “paraíso” dos pobres, que é Moscou, evaporasse da minha mente e diminuísse. Nunca achei o paraíso dos pobres, como nos ensinaram.

Perdi o ideal do comunismo, mas não perdi a fé no marxismo. Havia uma grande contradição entre nossa percepção ou o que a mídia soviética diz sobre Moscou e a realidade em que as pessoas vivem, que é cheia de privações, pobreza e medo. O que mais me chocou nas pessoas foi o medo. Quando falo com eles, sinto que estão falando em completo sigilo. Além desse medo, eu costumava sentir que o Estado estava presente em todos os lugares. Foi isso que transformou a cidade de Moscou de um exemplo em uma cidade comum.

سقط الحصان عن القصيدة

سَقَطَ الحِصَانُ عَنِ القَصِيدَةِ
والجِلِيلِيَّاتُ كَنَّ مَبْلَلَاتٍ
بِالْفِرَاشِ وبالندى
يَرْقِصْنَ فَوْقَ الأَقْحَوَانِ

الغائبان: أنا وأنتِ
أنا وأنتِ الغائبان

زوجا يمام أبيضان
يتسامران على غصون السنديان

لا حُبَّ، لكنني أُحِبُّ قِصَائِدَ
الحبِّ القديمة، تحرسُ
القَمَرَ المريضَ من الدخان

O cavalo caiu do poema
As galileias andavam molhadas
por gotas de orvalho e dançavam
sobre as margaridas quando
o cavalo caiu do poema

Ausentes: eu e você
eu e você os ausentes

casal de pombas brancas
arrulhando nos ramos de carvalho noite adentro

Amor não há, mas amo
os poemas de amor antigos... guardam
do fumo a lua enferma.

Trechos de “O cavalo caiu do poema”

Fase Cairo (1970-1972)

Darwish fala sobre a cidade do Cairo, sua segunda parada depois de deixar a terra natal.

Morar no Cairo foi uma das coisas mais importantes da minha vida pessoal. No Cairo, foi decidida a decisão de deixar a Palestina e não retornar à Palestina. Esta decisão não foi fácil, eu estava acordando como se não tivesse certeza de onde estava, abro a janela e quando vejo o Nilo, tenho certeza que estou no Cairo, tinha muitas obsessões, mas fiquei fascinado por estar em uma cidade árabe, os nomes de suas ruas são árabes e as pessoas nela falam árabe. Mais do que isso, encontrei-me habitando os textos literários que vinha lendo e admirando, sou quase um filho da cultura egípcia e da literatura egípcia, conheci esses escritores de quem era leitor e que considerava meus pais espirituais.

Conheci Mohammed Abdel Wahab, Abdel Halim Hafez e outros, e conheci grandes escritores como Naguib Mahfouz, Youssef Idris e Tawfiq al-Hakim. Não conheci Umm Kulthum e Taha Hussein, e adoraria conhecê-los.”

Ele acrescenta:

Mohamed Hassanein Heikal felizmente me nomeou para o Al-Ahram Writers Club, e meu escritório ficava no sexto andar, e havia o escritório de Tawfiq Al-Hakim, Naguib Mahfouz, Youssef Idris e Tawfiq Al-Hakim estava em um único escritório e nós éramos o resto em um escritório. Desenvolvi uma amizade profunda com Mahfouz e Idris, as duas personalidades contrastantes: Mahfouz é uma pessoa pontual e disciplinada que vem em uma hora específica e vai em uma hora específica. E quando lhe perguntei: Quer uma xícara de café, Sr. Najib? Ele olhou para o relógio antes de responder, para ver

se era hora do café ou não. Quanto a Yusuf Idris, ele viveu uma vida caótica e era um homem brilhante. No Cairo, também fiz amizade com os poetas que eu amava: Salah Abdel-Sabour e Amal Dunqul. Estes eram amigos muito próximos. Todos os poetas e escritores que eu amava, meu relacionamento com eles se fortaleceu. O Cairo foi uma das etapas mais importantes da minha vida.

No Cairo, características de uma transformação ocorreram em minha experiência poética, como se um novo ponto de virada estivesse começando. Quando estava nos territórios ocupados, era visto como o poeta da resistência. Após a derrota de 1967, o mundo árabe aplaudiu toda poesia ou literatura que saísse da Palestina, fosse ela boa ou ruim. Os árabes descobriram que na Palestina ocupada há árabes que são firmes e defendem seus direitos e sua identidade. Portanto, a visão dessas pessoas adquiriu o caráter de santificação e foi desprovida de qualquer gosto literário geral. Assim, os padrões literários foram retirados da visão dos árabes dessas vozes de resistência na poesia e na literatura. Entre os poemas importantes que escrevi no Cairo estava o poema “Serhan Bebe Café na Cafeteria” que foi publicado no jornal Al-Ahram e foi publicado no livro Eu te amo ou não te amo.

في مصر

...في مصر، لا تتشابهُ الساعاتُ
كل دقيقة ذكري تجددُها طيورُ النيل
هناك أحياءٌ وموتى يقطفون
معاً غيومَ القطن من أرض الصعيد
ويزرعون القمح في الدلتا. وبين الحيي
والميت الذي فيه تناوبُ حارسين علي
الدفع عن النخيل. وكل شيء عاطفي
فيك، إذ تمشي على أطراف روحك في دهاليز الزمان

No Egito as horas não se parecem...
Cada minuto é uma lembrança que as aves do Nilo renovam.
Vivos e mortos colhem juntos
as nuvens de algodão do Alto Egito
e plantam trigo no Delta. E entre o vivo
e o morto dali dois guardas se revezam
para defender a palmeira. Todas as coisas são sentimentais
para você, se andar nos limites de sua alma pelos
corredores do tempo.

Trechos de “Egito”

Fase Beirute (1973-1982)

Depois do Cairo, mudei-me diretamente para Beirute... morei lá de 1973 a 1982. Ainda carrego minha saudade de Beirute até agora. Eu tenho uma bela doença chamada saudade permanente de Beirute. Não sei quais são suas causas, sei que os libaneses não gostam de elogiar sua cidade dessa maneira, mas Beirute tem um lugar muito especial no meu coração. Infelizmente para mim, depois de alguns anos de minha residência em Beirute, que era uma oficina de ideias e um laboratório para correntes literárias, intelectuais e políticas, conflitantes e coexistentes ao mesmo tempo, infelizmente, a guerra estourou. Acho que minha obra poética tropeçou naquela época.

Escrevi muitos poemas lindos, mas depois da eclosão da guerra, sangue, bombardeio, morte, ódio e assassinato... tudo isso passou a dominar o horizonte de Beirute e perturbá-lo. Alguns dos meus amigos morreram e eu tive que chorar por eles. E o primeiro a perder lá foi Ghassan Kanafani, acho que a guerra civil no Líbano interrompeu muitos dos projetos culturais e intelectuais que estavam varrendo Beirute.

Desde o início da guerra, venho expressando aos meus amigos e conhecidos meu pessimismo sobre o resultado desta guerra. Eu estava fazendo a seguinte pergunta: não poderíamos ter sido atraídos como palestinos para esta guerra? Houve respostas oficiais dizendo que o papel dos palestinos na guerra era se defender e enfrentar a tentativa de nos excluir. Mas erramos em Beirute quando criamos algo como um estado dentro de um estado.

Eu tinha vergonha dos libaneses nos postos de controle que os palestinos estavam montando em solo libanês e perguntando aos libaneses sobre sua identidade. Claro, todas essas coisas têm explicações e justificativas. Mas sempre me senti envergonhado. Eu costumava me fazer muitas perguntas sobre esses assuntos, mesmo na frente de meus amigos que estavam entusiasmados com a causa palestina e o movimento nacional. Entre estas perguntas: O que significa ser vitorioso no Líbano? Essa é uma pergunta que sempre esteve em mim. Suponha que terminamos a guerra e vencemos, o que significa vitória aqui? Ocupar o Líbano e tomar o poder no Líbano? Eu estava muito pessimista. Eu não escrevi sobre a guerra libanesa, exceto pela escrita semicrítica.

Depois que as guerras terminaram, a guerra palestino-libanesa ou a guerra civil... Você pode olhar através de uma visão neutra para os efeitos positivos da interação palestina com a vida cultural libanesa ou a interação libanesa com a causa palestina. Existem aspectos positivos. Há o Centro de Pesquisa Palestino, a revista “Assuntos Palestinos” e a revista “Al-Karmel”, e outros... Senti que minha estada em Beirute seria prolongada, e não me senti constrangido como se fosse um residente legal. Mas ser forçado a viver contra a vontade dos libaneses através de sua convivência forçada conosco, isso me incomodava. Quando a liderança palestina e os combatentes palestinos deixaram Beirute, eu não o fiz.

Fiquei em Beirute por vários meses, não esperava que os israelenses ocupassem Beirute e não encontrei sentido em minha partida em navios com combatentes palestinos. Mas uma manhã, enquanto eu morava na área de Hamra, saí para comprar pão e vi um enorme tanque israelense. Naquela época, eu me via sozinho vagando pelas ruas, vendo apenas tanques, soldados israelenses e homens mascarados. Tive dias muito, muito difíceis, e não sabia onde dormir.

Dormi do lado de fora em um restaurante e liguei para meus vizinhos para perguntar se os israelenses haviam perguntado sobre mim. Se eles dissessem: Sim, eles vieram, eu sabia que eles não viriam novamente, então eu vou para minha casa, tomo banho e descanso, e depois volto para o restaurante. Até a grande catástrofe, o massacre de Sabra e Shatila. Então percebi que minha permanência ali era uma forma de futilidade e imprudência.

Eu arranjei o assunto com o então embaixador líbio em Beirute. Ele me levou de Ashrafieh para a Síria, mas ele teve que dar um jeito de me transportar da minha casa até a entrada de Ashrafieh. Concordamos com um oficial libanês que encontrou uma rua pela qual o falecido presidente Shafiq al-Wazzan passaria, e houve um acordo entre os israelenses e o governo de que eles não seriam expostos a essa rua, na verdade pegamos essa estrada e deixou Beirute. Quando chegamos em Trípoli, fomos a um restaurante comer peixe depois que cansamos de comer enlatados. Fui ao banheiro lavar as mãos, olhei no espelho e vi um nariz com dois copos, não me reconheci por um segundo, como se estivesse olhando para outro rosto. Quando cheguei em Damasco, fiquei uma semana lá, um incidente muito estranho aconteceu na fronteira sírio-libanesa, o oficial libanês na fronteira que pediu meus papéis, e eu estava com um passaporte diplomático tunisiano, descobriu que minha residência expirou e isso é uma violação legal. Eu disse a ele: É verdade, mas você não ouve as notícias? Você não sabe que não há embaixadas ou departamentos operando?”

سجل أنا عربي

سجل
أنا عربي
و رقم بطاقتي خمسون ألف
و أطفالي ثمانية
و تاسعهم سيأتي بعد صيف
فهل تغضب

سجل
أنا عربي
و أعمل مع رفاق الكدح في محجر
و أطفالي ثمانية
أسل لهم رغيف الخبز
و الأثواب و الدفتر
من الصخر
أنا اسم بلا لقب
صبور في بلاد كل ما فيها
يعيش بغفورة الغضب
جدوري
قبل ميلاد الزمان رست
و قبل تفتح الحقب
و قبل السرو و الزيتون
و قبل ترعرع العشب

أبي من أسرة المحراث
لا من سادة نجب
و جدي كان فلاحا
بلا حسب و لا نسب
يعلمني شموخ الشمس قبل قراءة الكتب

سجل برأس الصفحة الأولى
أنا لا أكره الناس
ولا أسطو على أحد
ولكنني إذا ما جعت
أكل لحم مغتصبي
حذار حذار من جوعي
ومن غضبي

Anote
sou árabe
e o número de minha identidade é cinquenta mil
meus filhos são oito
o nono chega findo o verão
Você tem raiva?

Anote
sou árabe
trabalho e divido o esforço com amigos numa pedreira
meus filhos são oito
para eles tiro o pão
e a roupa e o caderno
da pedra
sou um nome sem fama
sou paciência numa terra onde todos
fervem de raiva
minhas raízes
estão fincadas desde antes dos tempos
antes de se lançar a eternidade
antes do cipreste e da oliveira
antes de farfalhar a grama

Meu pai é da família do arado
não da alta senhoria
meu avô foi agricultor
sem registro e sem linhagem
me ensinava a ler o sol nascer antes de ler os livros

Anote no alto da primeira página
não odeio as pessoas
não avanço sobre ninguém
mas se eu ficar com fome
como a carne do meu usurpador
cuidado cuidado com minha fome
e minha raiva

Trechos de “Anote sou árabe”

Fase Tunísia/Paris

Saí de Damasco para a Tunísia, durante a qual vi Yasser Arafat e seus amigos em uma cena trágica, vi a revolução palestina hospedada em um hotel à beira-mar, a cena foi muito dolorosa e exigiu a escrita de um romance sobre esse destino. Mas Arafat me disse: a revista “Al-Karmel” deveria ser publicada, ele estava interessado no aspecto cultural, então eu disse a ele: “Onde vamos publicá-la?” Ele me disse: Onde você quiser, em Londres, em Paris, em Chipre... Fui a Chipre para tratar dos assuntos da licença. “Al-Karmel” foi editado de Chipre enquanto eu o editava em Paris e o imprimia em Nicósia, e meu grande colaborador foi o poeta Salim Barakat.

Mahmoud Darwish viveu em Paris por cerca de dez anos; contudo, de maneira intermitente. Viajou constantemente e permaneceu próximo à OLP na Tunísia.

Paris era mais uma estação do que uma residência, não sei, mas sei que em Paris aconteceu meu verdadeiro nascimento poético, e se quis distinguir minha poesia, me ateno muito à minha poesia que escrevi em Paris em os anos oitenta e além. Lá tive a oportunidade de meditar e olhar a pátria, o mundo e as coisas à distância. Quando você vê de longe, você vê melhor e vê a cena em sua totalidade. Além disso, Paris esteticamente incita à poesia e à criatividade, tudo nela é lindo, até o clima é lindo. Paris é também a cidade de escritores exilados de todo o mundo. O mundo inteiro está resumido nesta cidade.

Fiz amizade com muitos escritores estrangeiros, Paris me deu a oportunidade de dedicar mais tempo à leitura e à escrita, e não sei bem se foi Paris que me impressionou, ou se ali se deu a fase de amadurecimento, ou se os dois elementos coincidiram entre si. Em Paris escrevi muitos textos poéticos e em prosa, e escrevi os textos de “Memory for Forgetfulness”. Ali eu estava livre para escrever apesar de ter sido eleito membro do Comitê Executivo da Organização de Libertação, e em Paris escrevi o texto da declaração do Estado Palestino.

جندي يحلم بالزنايق البيضاء

يحلمُ بالزنايق البيضاء
 ..بغصن زيتون
 بصدرها المورق في المساء
 يحلمُ - قال لي - بطائر
 بزهر ليمون
 و لم يفلسف حلمه لم يفهم الأشياء
 إلا كما يحسها.. يشمها
 يفهم - قال لي - إنَّ الوطن
 أن أحسني قهوة أمي
 ..أن أعود في المساء

سألته: و الأرض؟
 قال: لا أعرفها
 و لا أحس أنها جلدي و نبضي
 مثلما يُقال في القصائد

Sonha com lírios brancos
 com um ramo de oliveira
 com o peito dos lírios enfolhado à noite
 sonha – ele me disse – com um pássaro
 com uma flor de limoeiro
 interpreta seu sonho entende as coisas
 só como as sente, como as cheira
 entende – ele me disse – A pátria
 é eu sentir o café de minha mãe
 é eu voltar à noite...
 Eu lhe perguntei: E a terra?
 Não a conheço, ele disse,
 nem sinto que ela seja minha pele e meu pulso
 como dizem nos poemas

Trechos de “Um soldado sonha com lírios brancos”

Mahmoud Darwish — Lar

Lar significa para mim sentar comigo mesmo, com livros, com música e com papel branco. O lar é como um quarto para escutar para dentro e tentar aproveitar melhor o tempo, nos anos sessenta, qualquer um sente que não tem muito tempo. Pessoalmente, admito que perdi muito tempo viajando, em relacionamentos e assim por diante. Estou ansioso agora para usar meu tempo no interesse do que acho melhor, que é escrever e ler. Muitas pessoas reclamam da solidão, mas eu sou viciado em solidão. A solidão é um dos grandes testes da capacidade

de se manter unido. Sinto que se perco a solidão me perco, faço questão de ficar nessa solidão, e isso não quer dizer que seja uma ruptura com a vida, a realidade e as pessoas... que eu mergulhe em relações sociais que podem não ser de todo úteis.

Quando eu estava longe de casa, pensava que a estrada levaria a ela, e aquela casa era mais bonita do que o caminho de casa. Mas quando voltei para o chamado lar, que não é um lar de verdade, mudei esse ditado e disse: O caminho de casa ainda é mais bonito do que o lar, porque o sonho ainda é mais bonito e puro do que a realidade que esse sonho resultou. O sonho agora é órfão.

Minha forte relação com o lar cresceu no exílio ou na diáspora. Quando você está em casa, você não glorifica a casa e não sente sua importância e intimidade, mas quando você é privado da casa, ela se transforma em algo necessário, como se fosse o objetivo final de toda a jornada. O exílio é o que aprofunda o conceito de lar e pátria, pois o exílio é o oposto deles. Ora, não posso definir o exílio como seu oposto, nem a pátria como seu oposto. Agora a questão é outra, e pátria e exílio são duas questões ambíguas.

إلى أمي

أحنُّ إلى خبز أمي
وقهوة أمي
..ولمسة أمي
وتكبر في الطفولة
يوماً على صدر يوم
وأعشق عمري لأنني
، إذا متُّ
! أخجل من دمع أمي
خذي، إذا عدت يوماً

وشاحاً لهدبك
وعظي عظامي بعشب
تعمد من طهر كعبك
..وشدي وثاقي
..بخصلة شعر
..بخيط يلوح في ذيل ثوبك
هرمتي ، فردي نجوم الطفولة
حتى أشارك
صغار العصافير
... درب الرجوع
! لعش انتظارك

Saudade do pão de minha mãe
do café de minha mãe
do toque de minha mãe...
Cresce a minha infância em mim
dia após dia
e amo a minha vida porque
se eu morrer
me envergonharia a lágrima de minha mãe!
Tome-me, quando eu voltar um dia,
como um lenço para seus cílios
cubra meus ossos com a grama
batizada na pureza de seu calcanhar
e estreite meus vínculos
com uma mecha de seu cabelo
com um fio que pende da cauda de seu vestido...
Envelheci, traga de volta as estrelas da infância
para eu acompanhar os filhotes de passarinho
no caminho do retorno ... ao ninho onde me espera!

Trechos de “De minha mãe”

Fase Amã-Ramallah

Depois que me foi possível retornar a uma parte da Palestina, e não a uma parte pessoal, mas a uma parte de uma pátria pública, fiquei muito tempo diante da opção de retorno. Senti que era meu dever nacional e moral não permanecer no exílio. Primeiro, não me sentirei confortável, depois serei submetido a intermináveis flechas de difamação, e então dirão que prefiro Paris a Ramallah ou Gaza. Então, dei o segundo passo corajoso depois de sair, que é o passo do retorno. Essas são duas das coisas mais difíceis que já enfrentei na minha vida: sair e voltar. Escolhi Amã porque fica perto da Palestina e depois porque é uma cidade tranquila, e seu povo é bom. Em Ramallah posso viver minha vida e, quando quero escrever, deixo Ramallah para me beneficiar do meu isolamento em Amã.

A tensão é muito alta em Ramallah, e as preocupações da vida nacional e cotidiana me roubam o tempo para escrever. Passo metade do meu tempo em Ramallah e a outra metade em Amã, e em algumas viagens a Ramallah supervisiono a publicação da revista “Al-Karmel”.

Ghanem Zureikat, amigo de Darwish, revela alguns detalhes de sua vida:

Mahmoud veio para Amã no final de 1995, porque era a cidade mais próxima da Palestina no início. Quando a liderança entrou na Palestina, Mahmoud começou a pensar seriamente em deixar Paris, e a escolha diante dele era Cairo ou Amã. Alguns amigos o encorajaram e o acolheram para residir em Amã, e a ideia foi muito bem-vinda e nos mais altos níveis do estado jordaniano, ele escolheu Amã porque, em sua opinião, é a melhor cidade em que ele pode ficar quieto e escrever, e esta cidade realmente lhe deu essa vantagem, e seus amigos são muito poucos nela. Ele era calmo e fácil de navegar e tinha um conjunto eclético de relacionamentos com muitas pessoas, que o cercavam com muito amor desenfreado.

أنا من هناك

أَنَا مِنْ هُنَاكَ. وَلِي ذِكْرِيَاتٌ. وُلِدْتُ كَمَا تُوَلَّدُ النَّاسُ. لِي وَالِدَةٌ
وَبَيْتٌ كَثِيرُ النُّوَافِدِ. لِي إِخْوَةٌ. أَصْدِقَاءٌ. وَسِحْنٌ بِنَافِذَةٍ بَارِدَةٍ
وَلِي قَمَرٌ فِي أَقْصَى الْكَلَامِ، وَرَزَقَ الطَّيُورَ، وَزَيْتُونَةَ خَالِدَةٍ
مَرَرْتُ عَلَيَّ الْأَرْضَ قَبْلَ مُرُورِ السُّيُوفِ عَلَى حَسَدٍ حَوْلُوهُ إِلَى مَائِدَةٍ
تَعَلَّمْتُ كُلَّ كَلَامٍ يَلِيْقُ بِمَحْكَمَةِ الدِّمِّ كَيْ أَكْسِرَ الْقَاعِدَةَ
تَعَلَّمْتُ كُلَّ الْكَلَامِ، وَفَكَكْتُهُ كَيْ أُرَكِّبَ مَفْرَدَةً وَاحِدَةً
هِيَ: الْوَطَنُ ...

Sou de lá. Tenho recordações. Nasci como nascem
as pessoas. Tenho uma mãe
e uma casa que tem muitas janelas. Tenho irmãos,
amigos e uma cela que tem uma janela fria.
No limiar da fala tenho uma lua e tenho o quinhão de
um pássaro e uma oliveira eterna.
Passei pela terra antes de as espadas passarem por um
corpo que fizeram dele mesa farta.
Aprendi uma a uma as falas dignas da corte do
sangue para quebrar a regra.
Aprendi todas as falas, depois as desmontei
para formar uma só palavra — que é: pátria...

Trecho de “Sou de lá”

Mahmoud Darwish — Seus rituais diários de escrita

Darwish tinha rituais e hábitos diários que não queria que ninguém que-
brasse, principalmente as horas de leitura e escrita. Ele estava morando
sozinho em seu apartamento, pois já havia se casado e se separado duas

vezes. Ele não dormia com ninguém e não queria que ninguém dormisse em sua casa com frequência, exceto alguns amigos que às vezes vinham da Palestina e de forma excepcional. E geralmente dormia cedo e não depois da meia-noite. Acordava por volta das oito, e começava a fazer a barba, tomar banho e tomar café, depois colocava suas roupas e sapatos mais bonitos, como se estivesse indo para um compromisso oficial, e sentava-se atrás da mesa esperando inspiração para escrever, ou para aproveitar a revelação como ele a chamava. Às vezes ele escrevia uma página ou páginas e às vezes não escrevia nada. O importante era esse ritual era sagrado. O apartamento de Mahmoud tinha três chaves; Ele tinha medo de morrer sozinho sem que ninguém o sentisse.

Mahmoud Darwish — o jogador de dados e seus hobbies

Darwish estava preocupado em ler e escrever a maior parte de seu tempo. Ele falava hebraico, inglês e francês e adorava ouvir música clássica de grandes músicos como Beethoven e Tchaikovsky, e muitas vezes ouvia música enquanto escrevia, e tinha uma grande coleção de fitas e CDs. Ele adorava ouvir Abdel Wahab, Umm Kulthum e Abdel Halim Hafez, e assistia a novelas históricas. Sua diversão era jogar dados, gritar às vezes e ficar com raiva em outras, como qualquer criança. Quanto a assistir televisão, ele gostava de drama, especialmente no mês do Ramadã.

فكر بغيرك

وَأَنْتَ تُعِدُّ فُطُورَكَ، فَكَّرْ بغيرِكَ
لَا تَنْسَ قُوَّةَ الْحَمَامِ
وَأَنْتَ تَحْوِضُ حُرُوبَكَ، فَكَّرْ بغيرِكَ
لَا تَنْسَ مَنْ يَطْلُبُونَ السَّلَامَ
وَأَنْتَ تَسُدُّ فَاتُورَةَ الْمَاءِ، فَكَّرْ بغيرِكَ

ثَمَّةَ مَنْ يَرْضَعُونَ الْغَمَامَ
وَأَنْتَ تَعُودُ إِلَى الْبَيْتِ، بَيْتِكَ، فَكَّرْ بغيرِكَ
لَا تَنْسَ شَعْبَ الْخِيَامِ
وَأَنْتَ تَنَامُ وَتُحْصِي الْكُوكُوبَ، فَكَّرْ بغيرِكَ
ثَمَّةَ مَنْ لَمْ يَجِدْ حَيِّزًا لِلْمَنَامِ
وَأَنْتَ تَفَكِّرُ بِالْأَخْرَبِينَ الْبَعِيدِينَ، فَكَّرْ بغيرِكَ
قُلْ: لِيَتَنِي شَمْعَةٌ فِي الظَّلَامِ

Enquanto prepara o café da manhã, pense nos outros
não esqueça de alimentar as pombas
enquanto se ocupa de suas guerras, pense nos outros
não esqueça quem pede pela paz
enquanto você paga a conta de água, pense nos outros
alguns alimentam as nuvens
enquanto você retorna para casa, a sua casa, pense nos outros
não esqueça os campos de refugiados
enquanto você dorme e conta as estrelas, pense nos outros
alguns não encontraram um canto para dormir
enquanto você pensa nos outros distantes, pense em si mesmo
diga: ah se eu fosse uma vela na escuridão

Trechos de “Pense nos Outros”

Aproximando-se do mundo de Darwish

Mahmoud era um amante sincero e amigável para todos em geral, era muito humilde e tímido, não gostava de reuniões sociais em que participavam mais de seis pessoas. Ele era moderado em sua vida, em sua comida, bebida e discussões, e não era um extremista em sua opinião. Ele era muito tolerante, e não tinha inimizades com ninguém, e raramente caluniava poetas ou outros, era generoso e frequentemente convidava seus amigos.

Ele não podia ir aos bairros populares ou vagar pelas ruas como as pessoas comuns por causa dos muitos admiradores e constrangimentos que encontrou. Distribuiu grande parte de sua biblioteca para alguns amigos, como se não quisesse manter mais de cem livros. Foi recebido por vários reis e presidentes como a Rainha dos Países Baixos, o Rei de Marrocos, o Primeiro Ministro da França, o Presidente da Tunísia e outros.

Talvez o que mais impressionou em sua personalidade fosse o raciocínio rápido, alta polidez ao falar, tato ao lidar com os outros e sua celebração das experiências dos outros, especialmente dos jovens poetas. Alegreava-se do fundo do coração ao descobrir um ilustre poeta e não hesitava em expressar sem reservas sua admiração por um belo texto. Ele era um bom ouvinte, acompanhava seu orador com interesse e curiosidade, não inclinado a teorizar, e não gostava do papel de professor que alguns esperavam dele... Ele ouvia bem e discutia.. Ele lia a imprensa e lia livros que lhe eram dados e expressava sua opinião sobre eles.

Em 1997 participou pela primeira vez do Festival de Jerash e abriu o teatro norte, que estava fechado há dois mil anos, onde lia para seus fãs e seguidores seus poemas, acompanhados pelo tocador de oud Samir Gibran. Ele participou do Festival de Jerash muitas vezes, incluindo sua famosa noite no Palácio da Cultura. Ele disse ao seu público quando subiu ao púlpito: Vou ler um pouco do que você gosta e um pouco do que eu gosto. Ele leu alguns poemas de seus velhos tempos, e então, com o toque de um mágico ou como um maestro experiente, ele começou a ler suas próprias escolhas, e assim atraiu o público para a poesia pura, enquanto lia textos elevados que o público aceitou bem.

A morte de Mahmoud Darwish

Ele morreu nos Estados Unidos da América em um sábado, 9 de agosto de 2008, após uma operação de coração no Centro Médico de Houston, após a qual entrou em coma e que o levou à morte. Seu corpo foi levado

para a capital jordaniana, Amã, onde muitos dignitários do mundo árabe se despediram dele. Seu corpo foi enterrado em 13 de agosto na cidade de Ramallah, onde um terreno foi alocado para ele no Palácio Cultural de Ramallah. Milhares de palestinos e árabes participaram de seu funeral.

يطير الحمام

أَعِدِّي لِي الْأَرْضَ كَيْ أُسْتَرِيحَ
...فَإِنِّي أَحْبَبْتُ حَتَّى التَّعَبِ

صَبَاحَكَ فَأَكْهَةُ لِلْأَغَانِي

وَهَذَا الْمَسَاءُ ذَهَبَ

وَأَنْتِ الْهَوَاءُ الَّذِي يَتَعَرَّى أَمَامِي كَدَمْعِ الْعَنْبِ

وَأَنْتِ بَدَايَةُ عَائِلَةِ الْمَوْجِ حِينَ تَشَبَّثَ بِالْبَرِّ

حِينَ اغْتَرَبَ

وَإِنِّي أَحْبَبْتُ، أَنْتِ بَدَايَةُ رُوحِي، وَأَنْتِ الْخَتَامُ

يَطِيرُ الْحَمَامُ

يَحُطُّ الْحَمَامُ

Prepare-me a terra para eu descansar
você eu amo no limite do cansaço...
sua manhã é fruta para as canções
e esta noite é ouro
você é o vento que se desveste diante de mim
como as lágrimas da uva
você inicia a família das ondas quando
se agarram à terra firme
e se fazem estrangeiras
e você eu amo, começo de minha alma, e você é o fim
voam as pombas e
pousam as pombas

Trechos de “Os pombos voam”

Mahmoud Darwish e Marcel Khalife, a dualidade da poesia e da música

Marcel e Darwish formaram um dueto entre música e poesia. O cantor libanês que se distingue pelas suas canções patrióticas, compôs e cantou dezenas de poemas de Darwish.

A história começou após a guerra civil no Líbano, onde Marcel recorreu ao isolamento em sua casa e tinha livros do poeta da resistência Mahmoud Darwish. Na época, ele pensou que poderia compor esses poemas. “Senti que a poesia de Mahmoud Darwish fazia parte de mim, então o pão de sua mãe tinha gosto de pão de minha mãe, assim como os olhos de Rita e a dor de Joseph pela facada de seus irmãos e seu passaporte com minha foto”.

Depois disso, os dois amigos viajaram para Paris devido à busca de guerras na região, eles se encontraram lá sem nenhum plano. A cooperação entre eles começou, onde Marcel compôs e cantou muitos dos poemas de Darwish, que tiveram um sucesso sem paralelo entre o público árabe.

Dirigindo-se a Darwish após sua morte, Marcel Khalif disse: “Se você ouvir, ouvirá o eco de nossas vozes vindas de um lugar muito distante do momento em que você morreu. Talvez nossa vida não seja nada além desses sons, Mahmoud. A vida encheu suas mãos de flores e esqueceu de lhe dar um vaso.”

O diálogo com a poesia de Darwish não terminou após sua morte, e seus poemas continuaram sendo uma inspiração para Marcel encontrar a linguagem da música entre seus versos. Marcel diz em uma elegia para Darwish: “Você sozinho, Mahmoud, morava do outro lado do coração. Não há sentido que me satisfaça a não ser o que você escreve. Você não escreveu seu último poema para nos preparar para lamentações. Por que você está com pressa de se ausentar enquanto você é a pergunta, e você é a resposta, e você é o problema”.

قصيدة الأرض

مساءً صغيراً علي قريةٍ مُهملةٍ
وعيناك نائمتان
أعودُ ثلاثين عاماً
وخمسة حروب
وأشهدُ أنّ الزمانُ
يحبُّني لي سنبله

يغني المغني
عن النار والغرباء
وكان المساء مساءً
وكان المغني يُغني
ويستجوبونه
لماذا تغني؟
يردُّ عليهم
لأنني أغني

وقد فتشوا صدره
فلم يجدوا غير قلبه
وقد فتشوا قلبه
فلم يجدوا غير شعبة
وقد فتشوا صوته
فلم يجدوا غير حزنه
وقد فتشوا حزنه
فلم يجدوا غير سجنه
وقد فتشوا سجنه
فلم يجدوا غيرهم في القيود

Noite pequena em aldeia abandonada
é quando seus olhos dormem
Retorno trinta anos e
cinco guerras
e vejo que o tempo
guardou para mim uma espiga

Canta o cantor
o fogo e os estrangeiros
a noite era noite
o cantor cantava
e o interrogavam:
por que canta
e ele respondia:
porque canto

Procuraram em seu peito
só encontraram coração
procuraram em seu coração
só encontraram povo
procuraram em sua voz
só encontraram tristeza
procuraram em sua tristeza
só encontraram prisão
procuraram em sua prisão
só encontraram a si mesmos nos grilhões

Trechos de “Poema da Terra”

Quando uma pessoa lê a poesia de Mahmoud Darwish pela primeira vez, ela se sente em êxtase, e sente que tirou dela satisfação sensorial e moral. O palestino em particular vê na poesia de Darwish sua tragédia, e ao mesmo tempo sonho e esperança, e vive a epopeia de sua luta e a expressão origi-

nal de sua identidade nacional. Ao lê-lo pela segunda vez, descobre-se nele dimensões mais profundas, e isso acontece após cada leitura.

Darwish percebeu a natureza épica da luta palestina contra o sionismo e seus partidários. Sua poesia veio a se assemelhar naturalmente à natureza dessa luta, que só pode ser compreendida através de um conhecimento profundo. É uma luta existencial trágica, assim como os épicos e as lendas são, então não foi por acaso que os mitos formaram um material básico na poesia de Darwish. Em suma, Darwish e sua poesia são produto dessa realidade e produto de sua experiência pessoal com a Nakba e depois com o racismo e depois com a revolução e esse contínuo confronto difícil e amargo com a narrativa sionista e seu projeto que nega e anula a existência do povo palestino. (O.A.)

MEMO

MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

Criando Novas Perspectivas



monitordooriente.com



[/monitordooriente](https://www.facebook.com/monitordooriente)



[@monitordoorient](https://twitter.com/monitordoorient)



[@monitordooriente](https://www.instagram.com/monitordoorient)